



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – DEFIS

CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

IURY HENRIQUE MONTEIRO MENDONÇA

AS CONTRIBUIÇÕES DO JUDÔ NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

RECIFE

2019

IURY HENRIQUE MONTEIRO MENDONÇA

AS CONTRIBUIÇÕES DO JUDÔ NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Trabalho apresentado a disciplina de Monografia, como requisito para conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física. Orientadora: Ana Flávia Araújo Pinho.

Recife

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Central, Recife-PE, Brasil

M539c Mendonça, Iury Henrique Monteiro
As contribuições do judô na educação física escolar / Iury
Henrique Monteiro Mendonça. – 2019.
47 f.

Orientadora: Ana Flávia Araújo Pinho.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade
Federal Rural de Pernambuco, Departamento de Educação Física,
Recife, BR-PE, 2019.
Inclui referências.

1. Judô 2. Artes marciais 3. Educação física para crianças
I. Pinho, Ana Flávia Araújo, orient. II. Título

CDD 613.7

IURY HENRIQUE MONTEIRO MENDONÇA

AS CONTRIBUIÇÕES DO JUDÔ NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Monografia, apresentada a Universidade _____, como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Local, ____ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Ms.^a Ana Flávia Araújo Pinho
Afiliações

Prof.^a Dr.^a Rosângela Cely Branco Lindoso
Afiliações

Prof. Mayara Sequeira da Silva
Afiliações

**Dedico este trabalho, ao Autor da (minha)
vida, Digno de toda Honra e Glória. Deus que
me acompanha antes da fundação do mundo.
A Ele, toda minha gratidão.**

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, pela graça derramada e por sempre estar comigo nos meus piores dias e com certeza nos melhores. Agradeço ao meu pai Valdemir Quaresma e a minha mãe Eliabe Mendonça, vocês são os melhores, meus exemplos, sempre me ensinaram o valor das coisas e de tudo, me mostrando que tudo pode ser superado, nunca abaixando a cabeça e que é preciso ralar muito, mas que nenhuma dificuldade é maior do que o amor pelos filhos. Meu muito obrigado a vocês. Agradeço a minha irmã Airane Mendonça e meu irmão Luiz Flávio, por serem meus cúmplices desde sempre.

Agradeço a mulher da minha vida e meu amor, Mayara Sequeira, que me enche de alegria, felicidade, paz e amor. Que fica no meu pé para que não desista, e me incentiva sempre. Você é com quem vivo todos os clichês do amor. Sou grato por Ele ter me dado você.

Agradeço a minha segunda família, meus amigos de Judô, com eles aprendo e ensino, cresço. O Judô e essa família que ganhei com ele, me inspiraram a estudar e escrever este trabalho. A eles minha gratidão.

Agradeço aos meus amigos de curso, sem vocês seria mais difícil, vocês fizeram essa jornada ser mais leve e prazerosa, agradeço em especial a Lásaro Lopes, Polly Lins, Jéssika Tavares, Alexandre Ferreira e Lucas Pereira. Não menos importante quero agradecer ao corpo docente, que me ensinou muito, não apenas a respeito da Educação Física, mas sobre muitos campos da vida. Em especial a minha orientadora, professora e a quem admiro muito, Ana Flávia Araújo Pinho, muito obrigado Flavinha por aceitar entrar nessa empreitada comigo.

Esse não é o fim, mas sim, mais um começo, levarei todos em meu coração. A realização desse sonho (que culmina neste trabalho), pode até ter meu nome, mas pertence a todos nós.

Resumo

O Judô possui considerável relevância por seu valor histórico cultural e pelo valor educacional. Portanto, este estudo caracterizou-se por ser uma revisão literária sobre o Judô e artes marciais como instrumentos pedagógicos nas aulas de Educação Física Escolar, sendo, portanto, o espírito da presente pesquisa. Sabe-se que as artes marciais e/ou lutas fazem parte da cultural corporal, estando presente na história de várias culturas, possuindo, em muitas delas, papel educador, a partir de técnicas, ensinamentos e valores morais. O Judô foi criado para fazer parte da Educação Física, dentro e fora das escolas, estando em consonância com os documentos que regem a educação no país. Para tanto procuramos refletir como o Judô pode contribuir na formação do indivíduo, através das aulas de Educação Física Escolar. Para responder a esse questionamento são propostos os seguintes objetivos: compreender a importância do judô na prática da Educação Física, explorar as principais contribuições do fundador do Judô – Jigoro Kano – para a prática do Judô, analisar as principais dificuldades no trato do conteúdo lutas nas aulas de Educação Física. A metodologia deste trabalho se constituiu em uma pesquisa bibliográfica, onde foram selecionados alguns artigos, dissertações, livros e monografias. Como instrumento de coleta de dados foram utilizados os descritores combinados: judô – Educação Física - lutas e por meio das palavras chave, título, e resumo. Mesmo identificando os diversos problemas como falta de materiais, conhecimento, preconceitos – principalmente ao tratar como sinônimo de violência – ficou claro que os ensinamentos pertencentes ao Judô estão acima de todos eles, bastando estudá-lo de maneira correta, reconhecendo sua contribuição para a formação integral do aluno, onde seus princípios ultrapassam seu próprio existir, podendo ser usado a qualquer área da vida humana.

Palavras chaves: Judô; Educação Física; Lutas; Arte Marcial; Escolar

Abstract

Judo has considerable relevance because of its historical value and its educational value. Therefore, this study was characterized as being a literary review on Judo and martial arts as pedagogical tools in the School Physical Education classes, being, therefore, the spirit of the present research. It is known that martial arts and / or fights are part of the corporal culture, being present in the history of several cultures, possessing, in many of them, educating role, from techniques, teachings and moral values. Judo was created to be part of Physical Education, inside and outside the schools, being in line with the documents that govern education in the country. In order to do so, we try to reflect how Judo can contribute to the formation of the individual through the School Physical Education classes. To answer this question, the following objectives are proposed: to understand the importance of judo in the practice of Physical Education, to explore the main contributions of the founder of Judo - Jigoro Kano - to practice Judo, to analyze the main difficulties in dealing with content fights in Physical Education classes. The methodology of this work was constituted in a bibliographical research, where were selected some articles, dissertations, books and monographs. As a data collection instrument we used the combined descriptors: judo - Physical Education - fights and by keywords, title, and abstract. Even if we identify the various problems as lack of materials, knowledge, prejudices - especially when treating as a synonym of violence - it was clear that the teachings pertaining to Judo are above all of them, just by studying it correctly, recognizing its contribution to the formation integral of the student, where its principles surpass its own existence, being able to be used in any area of human life.

Keywords: Judo; Physical Education; Martial Arts; School

Sumário

1. INTRODUÇÃO	10
2. OBJETIVOS	11
3. METODOLOGIA.....	12
4. O JUDÔ.....	14
4.1 Judô x Judô Esportivo	17
4.2 Energia mental e física: Escritos do fundador do Judô - Jigoro Kano	22
5. AS LUTAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA	27
6. DISCUSSÃO	37
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45

1. INTRODUÇÃO

Desde os primórdios até hoje, o homem serve-se da expressão corporal Lutas para diferentes situações, utilizando-a seja como ferramenta para autodefesa, seja como instrumento para condicionar o corpo. Ao tentarmos identificar a origem das Lutas e das Artes Marciais encontramos caminhos diferentes, não sendo possível afirmar sua gênese, pois muitos povos possuíam suas modalidades, como os gregos, espartanos, indianos e chineses. Mesmo reconhecendo em muitos países o uso das lutas para várias situações, identificamos na Índia e na China o surgimento dos primeiros sinais de sistematização das formas de combate.

E é desses dois países que encontramos histórias de artes marciais usadas por monges que saíram de seu país e acabaram difundido os métodos de combate, chegando ao Japão, onde foram reformuladas e aprimoradas aos biotipos de seus nativos, dando surgimento aos estilos de Ju-Jutsu, que no futuro serviriam de base para a criação do Judô Kodokan, que é o objeto de estudo desse trabalho.

A minha história pessoal também foi marcada pela presença do judô. Nos vinte e oito anos de vida que tenho, sempre estive cercado pelo mundo das lutas, onde pratiquei Capoeira, Karatê, Kung Fu, Jiu Jitsu Brasileiro e, há quinze anos, o Judô; desses, nove anos são ministrando aulas. Infelizmente, todas essas minhas vivências foram a parte da Educação Física Escolar. Às vezes, a escola era o lugar onde a prática ocorria, mas não dentro do cronograma de aulas regulares. Sempre tive a inquietação de que era algo que poderia e deveria ser trabalhado nas aulas, mas que foi negado não só a mim, mas a muitos outros estudantes em muitas outras escolas.

Durante a graduação, identifiquei muitos relatos de como o conteúdo lutas era negligenciado em quase todas as escolas, além da pouca contribuição científica para o ramo da cultura corporal, identificado nas pesquisas realizadas e na dificuldade de encontrar trabalhos que versassem sobre o uso das lutas nas aulas de Educação Física, muito menos da maneira mais correta de trabalhar esse conteúdo. Devido a minha prática mais aprofundada no Judô, senti que não poderia deixar de escrever sobre como o Judô pode contribuir para a Educação Física e a sociedade em geral, auxiliando na formação humana dos alunos.

2. OBJETIVOS

Por intermédio deste estudo, temos como propósito compreender a importância do Judô na prática da Educação Física, ratificando as lutas como conteúdo a ser ensinado nas aulas de Educação Física, sendo tão importante ou mais que os outros conteúdos do componente curricular em questão.

Para alcançarmos o entendimento de como o Judô pode colaborar para a Educação Física, devemos explorar as principais contribuições do fundador do judô – Jigoro Kano- para a prática do Judô. Ninguém melhor que o próprio Kano para explicar como ele idealizou sua arte e os princípios norteadores dela. Através disso, a compreensão e a justificação do uso do Judô nas aulas de Educação Física, se torna nítido.

Ademais de Kano, outros autores realizaram estudos que corroboram com sua filosofia, concordando que não só o Judô, mas as lutas/artes marciais possuem lugar dentro das escolas. Assim como os demais conteúdos da Educação Física as lutas tem sua importância e os problemas existentes não devem esmorecer o ensino, mas sim combatidos.

A fim de entender a realidade e o porquê da negligência do ensino não apenas do Judô, mas de todas as lutas, temos que analisar as principais dificuldades no trato do conteúdo lutas nas aulas de Educação Física. A partir daí, devemos problematizar as ideias pré-concebidas pela sociedade a respeito das lutas e estimular a produção de conhecimento sobre o trato das lutas, apresentando suas dificuldades e conseqüentemente soluções viáveis para o trabalho desse conteúdo nas escolas.

3. METODOLOGIA

A metodologia é a ferramenta necessária para a realização de um trabalho científico, reunindo técnicas e ações que fomentam a produção de uma pesquisa científica. Segundo Minayo (2013) é algo mais complexo do que apenas técnicas, sendo um conjunto de vários aspectos articulados, incluindo teorias de abordagens, a realidade empírica, análises científicas dos objetos de estudo. Para Lakatos e Marconi (2003, p. 221) “é a que abrange maior número de itens, pois responde, a um só tempo, às questões como?, com quê?, onde?, quanto?”

Essa Pesquisa Bibliográfica foi desenvolvida a partir da coleta de materiais publicados na internet como artigos, dissertações, e teses, além de livros a fim de analisar e copilar informações sobre como o conteúdo lutas se desenvolve nas aulas de Educação Física escolar. O intuito de recolher esses trabalhos era encontrar estudos que versassem sobre o trato das lutas nas escolas.

Para a realização deste trabalho foi utilizado um procedimento pedagógico que envolve uma revisão bibliográfica; buscamos obter e identificar documentos adequados ao assunto que estamos abordando. Em seguida elaboramos um plano de trabalho, onde foi transcritos os resultados adquiridos, engrandecendo a investigação. Em concordância com Cervo et.al.

procura explicar um problema a partir de referências teórica publicadas em artigos, livros, dissertações e teses. A pesquisa bibliográfica é meio de formação por excelência e constitui o procedimento básico para os estudos monográficos, pelos quais se busca o domínio do estado da arte sobre um determinado tema. Como trabalho científico original, constitui a pesquisa propriamente dita na área das ciências humanas (Cervo, 2007, p.61)

Em uma Pesquisa bibliográfica o mecanismo pode ser criado através de materiais já existentes, publicados, fazendo parte desses livros, artigos, periódicos e atualmente podemos encontrar esses trabalhos e de outros tipos na internet, sendo esta última ferramenta uma facilitadora ao acesso de conteúdo. Como vemos em Gil

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisas

bibliográficas, assim como certo número de pesquisas desenvolvidas a partir da técnica de análise de conteúdo. (Gil, 2008, p.50)

Por meio de um procedimento metodológico qualitativo, visamos objetivar a exposição das vias percorridas para responder o problema dessa pesquisa; e para esse processo qualitativo faz-se necessária à interpretação dos fenômenos e que a eles sejam atribuídos significados. Minayo conceitua que

O método qualitativo é adequado aos estudos da história, das representações e crenças, das relações, das percepções e opiniões, ou seja, dos produtos das interpretações que os humanos fazem durante suas vidas, da forma como constroem seus artefatos materiais e a si mesmos, sentem e pensam” (MINAYO, 2008, p.57)

Depois de uma busca aprofundada, em diversas plataformas de busca de trabalhos, o que foi um processo dificultoso devido ao baixo número de trabalhos encontrados, pois nosso objetivo de agrupar estudos que versassem sobre as lutas nas aulas de Educação Física escolar. Após recolhermos documentos que fossem pertinentes ao tema, fizemos uma análise e identificamos as semelhanças e divergências entre eles, coletamos os resultados que ao fim se mostraram muito parecidos entre os trabalhos. Isso serviu como ratificador da hipótese apresentada neste trabalho e das demais considerações feitas nos documentos usados.

4. O JUDÔ

No final do século XIX, nasce no Japão um homem que mudaria a vida de inúmeras pessoas em todo o mundo, seu nome Jigoro Kano. Kano sensei - professor em japonês – ficou conhecido em seu país como o “pai da Educação Física”, alcançou isso devido as suas contribuições através das ideias que definiam a sua “nova” arte, ou melhor, sua metodologia de Educação Física. O Judô Kodokan, conhecido no mundo todo apenas como Judô, não foi inventado por Kano, mas aperfeiçoado, em sua obra ele justifica o porquê

Algumas pessoas perguntam porque eu não usei o nome como jurikagu (a ciência do ju) ou juriron (a teoria do ju) em vez de judô. Foi a questão de preferência pessoal. Eu achei que os jurikagu e juriron e seriam tão inovadores que dariam a impressão de que eu inventei algo. Eu apenas queria garantir que as conquistas do que se foram antes de mim não fossem perdidas. Assim, usei um nome que já existia e adicionei a ele o nome de meu dojo. (Kano, 2008, p.22)

Como o próprio Kano (2008) mostra em sua obra o nome Judô e ju-jutsu sempre foram sinônimos, com o segundo sendo mais usado até o surgimento da escola de Kano, que por sua vez preferiu o termo Judô pois demonstrava o foco principal do que era ensinado na Kodokan

Eu tive várias razões para resolver não usar o termo “ju-jutsu”, que descrevia o que era praticado antes, e optar pelo termo “judô”. A razão principal é que “do” (caminho) é o foco principal do que é ensinado pela Kodokan, enquanto que “jutsu” (técnica) é algo secundário. Eu também queria tornar claro que o judô é uma maneira de se buscar o do. (Kano, 2008, p.20)

Em sua trajetória, sensei Kano nunca foi exemplo de vigor físico, pequeno magro e fraco, procurou em sua adolescência aprender a nobre arte dos samurais, o Ju Jutsu. Os dojôs (locais de prática) àquela época eram diferentes dos que temos nos dias de hoje, as escolas de artes marciais eram separadas por especialidades, em socos e chutes, utilização de armas (espada, lança e arco e flecha...), projeção, estrangulamentos e chaves. Cada mestre de escola era perito apenas naquele conteúdo. Kano teve a “sorte” de treinar em algumas escolas antes de criar o judô, devido a sua dedicação nos treinamentos e estudos, ele herdava de seus professores todos os registros e ensinamentos. Aos 22 anos, Kano então tem a ideia

de agregar o que há de melhor das escolas de Ju Jutsu e assim cria a sua própria escola e dando o nome de Judô Kodokan. Essa nova modalidade, começa a tomar o espaço das tradicionais escolas de Ju Jutsu, vencendo torneios e os desafios contra as outras escolas. O fato que fez com que o Judô se tornasse superior as outras modalidades foi o torneio que definiria qual o estilo de luta seria o usado pela polícia japonesa. Os alunos de Kano venceram todas as lutas, saindo invictos do torneio e se tornando parte a polícia japonesa.

Mas o sucesso do judô não se reflete apenas em resultados e sim em como os praticantes atingem esses resultados. Sensei Kano, desde início de sua escola, nunca percebeu o Judô como luta ou arte marcial, mas como arte e Educação Física. Esse era, e é, o diferencial de sua criação. Seus alunos eram muito mais bem preparados fisicamente e psicologicamente; no Judô, o corpo inteiro trabalha o tempo inteiro, enquanto a mente monta estratégias e percebe as brechas que o adversário deixa abertas. Em tudo que se aprende, há uma carga teórica muito grande, nenhum movimento ou técnica é realizado apenas por ser feito. Toda a arte é direcionada por princípios e elementos, sua filosofia é primordial que seja seguida, pelos praticantes a fim que tenham uma experiência completa do potencial do Judô.

Os princípios norteadores principais são três: Seiryoku Zen'Yo (Máxima Eficiência com o mínimo esforço), Jita Kyoei (Prosperidade e Benefícios Mútuos) e o Ju (Suavidade). Ao aprender, compreender e assimilar esses três objetivos fundamentais, o judoca chega ao ápice da prática judoística. Kano não imaginava o Judô apenas como uma ferramenta geradora de atletas ou lutadores, mas sim uma ferramenta de formação humana, com interesse de tornar a si e ao mundo melhor, sua visão transcendia o campo das lutas. A própria aplicação de uma técnica no Judô é baseada nesses elementos que Kano inseriu em sua arte.

A arte criada por Jigoro Kano tem sua finalidade focada no desenvolvimento humano e em suas várias características

Os métodos para o desenvolvimento físico derivam da educação física característica do treinamento do judô, enquanto a destreza na competição se origina do aspecto marcial da arte derivam da educação física característica do treinamento do judô, enquanto a destreza na competição se origina do aspecto marcial. O aperfeiçoamento moral se obtém com exercício do desprendimento, com a aquisição de conhecimentos e a

aplicação do espírito de perseverança do judô para conseguir superar as dificuldades. Meus ideais para o judô, portanto, baseiam-se no desenvolvimento físico do indivíduo que treina para ser excelente na arte que lhe permitirá sair-se bem numa competição. Além disso, espero que os alunos de judô façam uso pleno do conhecimento, dos princípios e dos valiosos ideais obtidos com trabalho deles no dojô para levar uma vida satisfatória e que valha a pena[...] O aluno não deve esquecer-se jamais da vantagem de manter altos padrões morais, aproveitar todas as oportunidades para aumentar a bagagem de conhecimentos úteis e de seguir essas práticas na vida diária fora do judô. São essas as metas ideais que devem ser buscadas por um judoca verdadeiramente dedicado. (Kano in Watson, 2011, p.76-77)

Atualmente o Judô é conhecido em todo mundo, tendo milhões de praticantes; tornou-se modalidade olímpica e mesmo quem não pratica conhece um pouco. Adquiriu um reconhecimento de atividade disciplinadora, sendo por vezes o principal motivo de muitos pais matricularem seus filhos em dojôs. E realmente esse poder de disciplina existe no ambiente judoísta, mas não pode ser tratado nunca como solução, exclusiva, dos problemas educacionais de um jovem. Hoje os pais acreditam que ao inserir os filhos no Judô, isso os tonará disciplinados e educados, não veem que é um trabalho não apenas do sensei, mas deles também. Não adianta o filho ser disciplinado no tatame e em casa não acontecer mudanças. O professor contribuirá, ajudará a controlar certos comportamentos, porém a educação da criança não é dele.

Nesse mais de um século de existência, o Judô evoluiu e expandiu muito, o entendimento da arte foi ficando maior. Graças ao avanço da tecnologia podemos enxergar os movimentos de diversos modos, ângulos, aspectos fisiológicos, biomecânicos, entre muitos outros. Todavia mesmo com tantos avanços, hoje temos também distorções dos ensinamentos de Kano sensei, com a evolução das metodologias de ensino, o Judô em muitos dojôs foi perdendo suas características, e a tão famosa disciplina não parece sequer existir. Modalidades “novas” surgiram descaracterizando as ideias iniciais, confundindo, por exemplo, momentos lúdicos na prática usando judogi (vestimenta do judoca), o marketing e o fazer dinheiro destroem toda uma ciência com o nome Judô Kids nas academias e nas escolas, como é chamado entre os praticantes, o judô escolinha.

Em muitos desses locais os alunos aprendem muitas coisas, menos a luta e seus conceitos, o dojô deixa de ser um local de prática para se tornar o parque, onde só existem brincadeiras e muito pouco dos princípios do Judô. Em muitas escolas os senseis não ensinam o que deveriam, por negligência ou por falta de conhecimento, ficam na ideia de pegar leve, sem cobrança e sem a necessidade de buscar fazer com que a criança aprenda algo e se supere, cresça como praticante e como humano. Mas não podemos generalizar isso, pois basta acessar a internet e veremos muitos vídeos com turmas de crianças treinando com um nível técnico superior a muitos adultos e não por causa disso não existe momentos lúdicos na prática. O fato de não ocorrer brincadeiras em algum treino, não significa que não houve ludicidade, pois essa deve fazer parte da atividade de ensino e não uma sobreposição a ela. A este respeito Grosso (in: Araújo et. Al, 2005) acrescenta:

E refletindo se essas aulas tecnicistas não poderiam ser realizadas em um contexto que respeite a realidade social da criança, o desenvolvimento humano e os limites de seus alunos e desenvolva no judoca a formação de um cidadão crítico, criativo e solidário, pois, esse é o princípio básico que judô proporciona aos seus praticantes. E buscando no componente lúdico como uma ferramenta facilitadora e de contribuição nesse ensino-aprendizagem do judô. Em relação ao objetivo prioritário de proporcionar aos praticantes de judô um desenvolvimento globalizado e não apenas físico técnico, transformando-os não em grandes campeões, e sim em verdadeiros homens. (GROSSO in: Araújo et. Al, 2005, p.3).

O prazer na realização da atividade deve ser buscado usando ferramentas de ensino que não descaracterizem a modalidade. Partindo da própria luta como inspiração para atividades, onde ela é a base.

4.1 Judô x Judô Esportivo

Com o passar do tempo, a inserção nas olimpíadas, a expansão da modalidade no mundo e a mídia, o Judô passou por várias mudanças. O esporte é espetáculo em si, sem isso, as modalidades são apenas jogos.

O termo esporte se refere a qualquer tipo de prática que esteja vinculada a Federações e Confederações, cujo papel é o de regulamentar as regras

dessa prática. Isso significa que as regras de um esporte são fixas e nunca podem ser modificadas durante um campeonato. Aliás, esse é outro objetivo das federações: organizar campeonatos, cujos campeões sempre têm em vista o prêmio, que pode ser dinheiro, medalhas ou troféus, por exemplo. Dessa explicação podemos extrair quatro características que são fundamentais para dizer se determinada prática é um esporte: 1) ter regras fixas; 2) a subordinação dessa prática a algum órgão oficial; 3) é uma atividade competitiva; 4) o atleta está sempre em busca de um tipo de recompensa maior do que o prazer de praticar o esporte: ele é um profissional que ganha a vida (ou pretende ganhar, no caso de atleta amadores) por meio do esporte, seja com patrocínio ou com os prêmios dados nas competições. (Rondinelli)

Como todo bom espetáculo, muitas pessoas querem assistir e torcer, mesmo que não praticantes, com isso a mídia começa a interferir para que o evento seja sempre mais atrativo aos espectadores. Algumas coisas são vindas de bom grado, como o uso do judogi (vestimenta do judoca) azul, idealizado pelo simples motivo de facilitar para quem assistia as lutas, o que também facilitou ao árbitro da luta identificar os adversários que antes eram diferenciados por uma faixa vermelha na cintura.

A proibição de técnicas que lesionavam bastantes os competidores também foi algo benéfico, pois preserva a saúde física dos competidores, colocando o ser humano acima da competição. As regras das lutas mudaram muito desde o primeiro torneio e continuam sofrendo mudanças. Em sua maioria essas alterações fazem com que as lutas tornem-se mais dinâmicas, isso torna o espetáculo mais atrativo.

Esse trabalho não existe com o intuito de negar a importância das competições, mas de trazer uma reflexão em que hoje existe diferença entre Judô e os princípios criados por Jigoro Kano e o Judô que vemos em nossos televisores e estádios. Ao observar as lutas atualmente, fica claro que talvez a principal máxima que Kano sensei nos deu não é usada em grande parte dos atletas. Não usar a força contra a força é a tarefa mais difícil na aprendizagem do praticante, mas o que mais vemos nas lutas é a disputa de força. São escassos os atletas onde se nota o uso dos princípios da execução de uma técnica. O sensei Kano quando ainda estava vivo relatou esse distúrbio dos seus ensinamentos e do modo correto de se realizar o randori (pode ser resumido como momento de luta)

Ao que parece, as regras que norteiam o judô competitivo influenciaram negativamente a postura que muitos alunos adotam quando participam não apenas de competições, mas também da prática regular de randori no dojô. [...]A maneira correta de praticar o randori que era ensinado no início do Kodokan não tem sido ensinada a maioria dos aprendizes de hoje. Isso tem resultado do aumento da prática do tipo de luta força contra a força que é contrário ao método correto da prática do randori. (Kano in Watson, 2011, p. 78)

As competições têm muita importância na promulgação da modalidade, pois são vistas por milhões de pessoas. Das competições são criados novos gestos, movimentos, variações de técnicas já conhecidas, isso faz com que o Judô esteja sempre em crescimento.

Todavia, a competição é a menor parte dessa arte. De nada adianta uma medalha no peito se como pessoa você se mantém arrogante, sem humildade para reconhecer que sua vitória sobre um oponente é passageira, que talvez o modo como realizou o arremesso mesmo conseguindo não foi eficiente, gastou muito energia, tempo e desgastou simplesmente porque preferiu usar a brutalidade ao invés da técnica. Reconhecer que o oponente é essencial para o desenvolvimento próprio, perceber e compreender que os princípios não são exclusivos para a prática da luta, mas podem e devem ser usados em tudo na vida.

Muitos entendem o Judô não como uma arte, mas como esporte em si. Não enxergam a diferença entre um e outro, muito menos notam o quanto isso é danoso ao aprendizado, apartando do iniciante uma visão completa do que irá praticar e aprender, para que ele busque desde o começo o melhor caminho, o mais produtivo e virtuoso, o Caminho Suave. Ao colocar o esporte a frente da luta a essência judoísta é deixada de lado e o principal objetivo é o arremesso, derrotar oponente, essa visão se distancia bastante dos ideais de Kano.

O problema não é a existência desta parte esportiva, mas das consequências que colocar o esporte acima da arte traz consigo, pois nos dojôs brasileiros a prática é voltada para a competição, no caso de uma técnica que é proibida nesse âmbito, é deixada de ser praticada nos treinos. Numa situação de defesa pessoal, a vítima não pode pensar primeiro no bem estar do agressor, não deve se preocupar se irá machucá-lo, pois essa é a intenção dele para com ela. Portanto se faz necessário

que a vítima conheça e saiba aplicar o maior número de movimentos possíveis, pois o momento e as circunstâncias é que vão direcionar qual gesto é o mais eficaz e um deles pode salvar sua vida.

Outro exemplo é a utilização dos ukemis (técnicas de amortecimento de quedas), antes mesmo de aprender a arremessar alguém o judoca aprende primeiro a cair. O judô tem como uma lei crucial o equilíbrio, ao perdermos o equilíbrio nos sujeitamos a quedas e se não soubermos amortecer, a chance de nos machucar é quase certa. Aprender como cair não é algo que se apropria apenas para o uso no judô; em nosso dia a dia também podemos precisar, ao escorregarmos no chão, cairmos de uma cadeira ou “voarmos” da bicicleta, essas situações são passíveis de quedas, portanto, quando aprendemos a amortecê-las no tatame, servirá para nós caso precisemos fora do dojô.

Atualmente, é proibido realizar movimentos de pegada nas pernas nas competições, com isso muitos dojôs simplesmente param de praticar técnicas que realizem esses movimentos. Muitos sensei acabam não preparando seus alunos para o cotidiano, não formam cidadãos, não trabalham o lado humano e social de seus alunos, pois o interesse é apenas mais uma medalha no peito. Assim preparam seus alunos para vencerem no tatame e perderem na vida.

Esse pensamento vai na contramão das ideias de Kano, pois a competição não pode nunca se sobrepujar a arte, não é negar sua importância como ferramenta de divulgação, nem como instrumento de incentivo a um maior esforço da prática. Todavia o problema da competição é quando ela assume as rédeas da arte, direciona o aprendizado ao tático, onde importa mais o fim, que é a vitória, do que o meio. Por isso vemos muitas vezes lutas maçantes, onde só existe força sendo feita, tentando fazer com que o adversário receba punições ao invés de buscar arremessá-lo. Sendo assim até a própria competição sofre com sua existência, já que a busca pelo ippon (golpe perfeito) deixa de ser a meta, importando ganhar mesmo que não tenha projetado o oponente, a vitória vem por um acúmulo de faltas.

Ao estudarmos as palavras e os conceitos de Jigoro Kano, enxergamos que ele estava muito à frente do seu tempo. Sua visão de Judô e Educação Física, é reconhecida facilmente, por exemplo, nas abordagens da prática de ensino da

Educação Física Escolar. Podemos dizer que até conceitos do Cristianismo, são encontrados nos fundamentos do judô, por exemplo, o amor ao próximo.

Kano há mais de um século já estava em consonância com o Coletivo de Autores, documento que rege a metodologia de ensino da Educação Física no estado de Pernambuco, pois para ele o cotidiano das pessoas deve ser levado em consideração ao ensinar, o ambiente que se está inserido é importante para o melhor desenvolvimento humano, pois aproxima o que se aprende da realidade vivida do aluno.

Claro que talvez Kano apresente de maneira mais prática e objetiva como esse cotidiano dever ser usado.

É essencial para países como o Japão, que é cercado de água, que seus cidadãos gostem do mar e que não tenham medo dele, pois ele faz parte do cotidiano das pessoas que usam transportes marítimos, praticam a pesca ou servem na Marinha. Portanto, como educadores, temos estimulado as pessoas a se dedicar a atividades como a natação. (2008, p.48)

O Coletivo de Autores (1992) também coloca o cotidiano do aluno como algo essencial na sua formação

[...] a função social do currículo é ordenar a reflexão pedagógica do aluno de forma a pensar a realidade social desenvolvendo determinada lógica. Para desenvolvê-la, apropria-se do conhecimento científico, confrontando-o com o saber que o aluno traz do seu cotidiano e de outras referências do pensamento humano: a ideologia, as atividades dos alunos, as relações sociais, entre outras. Numa outra aproximação pode-se dizer que o objeto do currículo é a reflexão do aluno. A escola não desenvolve o conhecimento científico. Ela se apropria dele, dando-lhe um tratamento metodológico de modo a facilitar a sua apreensão pelo aluno. O que a escola desenvolve é a reflexão do aluno sobre esse conhecimento, sua capacidade intelectual. (1992, p.16)

4.2 Energia mental e física: Escritos do fundador do Judô - Jigoro Kano

As principais ideias de Jigoro Kano foram sistematizadas no livro *Energia mental e física* (Kano, 2008), elas serão tratadas para possibilitar posteriormente uma melhor compreensão de suas contribuições para a Educação Física.

Nesta obra escrita pelo próprio “criador” do Judô, ele nos mostra quais os ideais e qual deve ser a verdadeira visão do praticante. Trata dos princípios norteadores que fundamentam sua arte e que é necessário compreender o significado correto do Judô e aplicá-lo de fato para o bem da sociedade. O que apenas era considerado uma arte marcial ou uma luta a fim de subjugar um adversário se torna uma prática rica e complexa se estendendo para fora dos dojôs (locais de prática), podendo e devendo ser aplicados em todas as esferas da vida.

Para que o leitor entenda a complexidade judoísta, Kano traz uma breve história do Ju-jutsu (sinônimo de Judô, nome mais usado até o final do século XIX), assim ele pode contextualizar o fenômeno que temos hoje. Relata que o ju-jutsu era uma prática altamente tecnicista, entretanto não abandonava sua filosofia; sendo uma herança cultural de extremo valor, portanto não poderia ser esquecida. Para Kano, era necessário uma evolução da prática, passando por um melhoramento conseguiria se tornar um método complexo de Educação Física. Esta tinha por finalidade “desenvolver um corpo forte e saudável, e treinar esse corpo para que venha a ser útil para a sociedade, ao mesmo tempo que desenvolve a habilidade de cultivar a mente.” (Kano, 2008 p. 46)

Visionário, assim podemos considerar Jigoro Kano, pois estava tão à frente de seu tempo, que no Brasil, a discussão do que é Educação Física é algo recente e longe de uma unanimidade. Uma crítica é feita à ginástica, onde comenta que os ginastas dinamarqueses e suecos, àquela época, não possuíam o costume de cultivar a mente. Que a ginástica só é praticada quando inserida no currículo escolar, sendo assim obrigatória, mas as pessoas não tem o hábito de praticar por ela ser útil ou interessante. Para ele, como já visto, o objetivo da Educação Física é desenvolver o corpo de forma saudável, mas tratar como única finalidade é um erro grave a quem comete. Pois obter um corpo musculoso não significa que os objetivos da Educação Física foram alcançados, pois a mente faz parte do corpo; ao

negligenciar isso, ficamos apenas com músculos rígidos e para chegarmos a esse ponto é necessário que abandonemos alguma área do nosso desenvolvimento pessoal, o que para ele não é algo válido.

Kano também considerava os esportes como Educação Física, que merecia uma atenção especial e possuía grande importância. A competição inerente a essas modalidades é algo benéfico, pois é atrativo aos olhos dos jovens, o fator vencer é estimulante a eles; mas não pode ser o único determinante, nem colocado como meta a ser conquistada a qualquer custo, deve ser algo trabalhado, buscando um desenvolvimento motor apropriado a cada modalidade. Portanto mesmo sendo muito interessantes, os esportes não podem ser considerados como suficientes substitutos da Educação Física.

Em nenhum momento de sua obra, o autor deixa de lado outras áreas da Educação Física, pelo contrário, ele estimula que outros ramos dessa cultura de movimento sejam estimulados a prática, mas que nem todos podem ser usados em sua forma pura como Educação Física; onde certos conteúdos precisam ser refinados ou adaptados para tal propósito. Deve-se pegar os pontos fortes de cada modalidade e compensar suas falhas.

Kano procura durante toda sua explanação mostrar que o desenvolvimento físico e intelectual devem ser objetivos a serem conquistados na Educação Física. Não há uma fórmula mágica, mas sim um planejamento, os professores e os alunos devem ter clareza desde o começo das metas traçadas e buscadas e nenhum lado deve ser negligenciado. Os professores devem ter a preocupação não somente de repassar conhecimento, fazendo com que os alunos os acumulem, mas sim que eles desenvolvam um poder de compreensão e julgamento, tornem-se mais críticos.

O autor ainda versa sobre o âmbito moral da formação do ser humano, de forma individual e coletiva. Ele versa sobre fazer o bem, não como algo corriqueiro e sim como hábito, caso não seja facilmente se deixa de realizá-lo. Segundo Kano

Também é importante não esquecer o hábito. Mesmo que você tenha a intenção de fazer o bem, se não desenvolveu esse hábito, suas melhores intenções podem facilmente se desvirtuar. E mesmo as melhores intenções de rejeitar o mal podem falhar se você não desenvolveu o hábito de fazer

isso. Por essa razão, você deve procurar cultivar bons hábitos, amar o bom e rejeitar o mal. (2008, p.59)

Ao pensarmos como ser individual, pode parecer fácil praticar o bem, mas devemos ter a consciência que vivemos em sociedade e como grupo também devemos seguir as mesmas ideias, como Kano explica

[...] se todas as pessoas do grupo evitarem atitudes egoístas e agirem de acordo com as necessidades e as circunstâncias dos outros membros, o conflito poderá ser facilmente evitado e reinará a harmonia. [...] Assim, se um grupo de pessoas vive junto, elas não apenas podem evitar ofenderem umas às outras, como também podem se ajudar mutuamente. Existem coisas que não podem ser feitas por uma só pessoa, mas que necessitam da ajuda de outras. Além disso, as virtudes e os pontos fortes de cada uma delas complementam e acentuam os das demais. (2008, p.61)

Por fim da análise desse documento nota-se que sendo um livro de escritos sobre o Judô, nossa preocupação foi não enfatizar a modalidade em si, mas os ensinamentos passados por seu fundador; que não foram pensados e nem escondidos apenas por praticantes dessa luta, visto que o objetivo de Jigoro Kano é muito claro: seus ensinamentos são para qualquer esfera da vida, seja arte, dança luta ou qualquer outra área que não esteja ligada diretamente à Educação Física. Sua contribuição vai além, é direcionada para o desenvolvimento motor, intelectual, moral e crítico de um a pessoa, uma formação integral do cidadão.

Com o intuito de compilar as principais contribuições de Jigoro Kano, Brian N. Watson realizou uma colheita das memórias e relatos do fundador do Judô, entre os anos de 1882 e 1928. Em muitas ocasiões Kano é repetitivo, propositalmente, por achar relevante revisitar seu livro, que foi analisado anteriormente. Ao lermos esse trabalho o vemos fazendo muitas críticas a sua própria arte, analisando a evolução do Judô e os problemas de caminhos que foram tomados num sentido diferente idealizado por ele mesmo. Portando ele também crítica a si mesmo, falando de seus arrependimentos e dessa deterioração que sofreu a luta. (Watson, 2011)

Ele culpa o lado competitivo e o grande número de alunos que cresceu muito mais rápido do que a quantidade de professores aptos a ensinar o Judô da maneira

correta. Para o primeiro problema, Kano nos mostra que é um grande incentivador das competições e que elas servem como publicidade como intuito de divulgar sua arte para mais pessoas, além de fazer com que os alunos treinem com mais afinco, infelizmente os praticantes acabam por cometer o erro de se importar cada vez mais com o fato de vencer a luta, negligenciando o como construir essa vitória; isso é justamente o inverso do que Kano idealizou, o foco no aprendizado do Judô deve ser para uma formação humana, do ponto de vista físico ao moral. Essa inversão de valores somada ao baixo quantitativo de professores bem capacitados, desvirtua a arte. A luta de “força contra força” é o que deve ser evitado num combate e o uso da máxima eficiência (isso é, com o mínimo esforço) carece de ser explorado.

Kano versa também sobre como sempre esteve ligado a educação, tendo sido professor, não de Educação Física como muitos acreditam, inclusive professores de Educação Física e de Judô, o que é vergonhoso principalmente para os professores da arte, mostrando que muitos não conhecem a própria história do que está fazendo, isso interfere na qualidade de suas aulas, pois mostra que não a contextualização em suas aulas. Kano foi professor de inglês e de ciências econômicas e políticas, também foi diretor de dois departamentos na faculdade, assumindo responsabilidades administrativas, isso aumentou seu interesse na área da educação. Anos depois foi nomeado diretor da universidade. Mais tarde, chegou a acumular até três funções: Conselheiro do Ministério da Educação, Diretor do Ginásio Número Um e Reitor da Faculdade de Formação de Professores de Tóquio.

Esses fatos engradecem ainda mais a figura de Kano como contribuidor para Educação Física, chegando a ser considerado “pai da Educação Física japonesa”, mesmo não tendo formação superior específica na área. Desde muito jovem tinha interesse no ramo da educação, por isso o judô não pode ser tratado apenas como uma luta, arte marcial, mas como ferramenta pedagógica para o ensino da Educação física, não para tomar o seu lugar e ser o único meio, mas sendo exemplo, onde seus ensinamentos podem ser aplicados a qualquer outra atividade cotidiana, escolar ou laboral, mostrando a importância que a Educação Física tem na formação de uma pessoa.

Tratando de outro lado do ensino, Kano mostra a preocupação que os empregadores devem ter em valorizar o trabalho realizado pelos professores, para que esses tenham um salário de acordo com a qualidade do seu trabalho; e esses

por sua vez tenham sempre em mente a necessidade de se aprimorar, buscar sempre progredir na sua profissão e como consequência sua remuneração aumentar de acordo com sua progressão. Um professor bem qualificado e valorizado torna-se um educador de primeira linha. Para o fundador do Judô uma formação em sua arte não deveria se limitar ao básico, mas o professor deve buscar uma formação extra, incentivar e participar de produções acadêmicas, estudos que tragam melhorias para a prática e contribuam para o seu desenvolvimento.

5. AS LUTAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Nesta revisão de literatura, Santos (2013) nos traz os benefícios encontrados com a prática das artes marciais nas aulas de Educação Física, baseando seus estudos em diversas lutas do mundo, mostrando na teoria os ganhos ao praticá-las. O autor se baseia nos Parâmetros Curriculares Nacionais para reafirmar de forma legal a importância do ensino desse conteúdo, assim como, os demais conhecimentos das áreas trabalhadas pelo componente curricular.

Ao trazer a problemática da falta de diálogo sobre os benefícios da prática das lutas, ratifica a negligência encontrada nas instituições de ensino, algo muito grave, pois ao negar o conteúdo de ser visto impedimos que os alunos tenham essa experiência. Essa não experiência pode deixar uma grande lacuna no aprendizado, uma vez que as artes marciais transmitem conhecimentos em diversos aspectos do desenvolvimento humano.

Como exemplo, o autor usa o trabalho de Trusz e Dell'Aglio (2012), mostrando como o Judô promove no aluno um desenvolvimento motor e social, além de colocar o praticante em contínua busca de ser melhor do que é. Encontrando-se sempre em desafios físicos, mentais e psicológicos. Santos também afirma que não é necessário que o professor de Educação Física escolar seja especialista em artes marciais, pois ele pode trabalhar o conteúdo adaptado, inserindo de forma lúdica o conteúdo através dos jogos.

Mais um exemplo abordado pelo autor é o estudo realizado em uma escola infantil, que se utilizou das artes marciais para combater problemas de agressividade nos alunos. Sendo notado uma melhora não só no comportamento agressivo, mas também uma redução dos casos de *bullying* e o aumento da preocupação com o outro. Tudo isso é consequência dos valores e ideais das modalidades de lutas passadas do professor para os alunos. Levando em consideração o ritual para início, meio e o fim de cada aula, pois para o autor isso reforça o respeito entre todos os participantes.

Mesmo com uma quantidade reduzida de trabalhos disponíveis sobre o tema, fica claro para o autor que as lutas possuem inúmeras ferramentas que contribuem para o desenvolvimento humano, em todas as suas esferas.

Para situar o leitor no seu estudo, Santos (2013) conceitua algumas formas como são conhecidas artes marciais (desporto de combate, desporto marcial, defesa pessoal, jogo de combate), posicionando ser trabalho de forma clara a qual área e o que deve ser tratado nas aulas de Educação Física. Para ele independente da arte marcial praticada, o foco da aprendizagem deve sempre ser direcionado ao acervo teórico, filosófico e físico da arte, nunca sendo trabalhado apenas uma característica, com intenção de que os benefícios não sejam vistos apenas de uma perspectiva, visto que a riqueza dos ensinamentos está no todo.

No trabalho apresentado por So (2014), é mostrada a diferença entre o que está nos documentos regentes e a realidade do cotidiano escolar, nas escolas de São Paulo. O autor relata velhos argumentos usados por professores para o não ensino do conteúdo lutas nas aulas de Educação Física. Mas não parece concordar com nenhum deles, mesmo quando afirma que seria algo bom, que houvesse disciplinas na formação do professor que dessem um acervo sobre algumas lutas.

Novamente, mesmo com os documentos afirmando que as lutas são ferramentas importantes e que fazem parte do conteúdo a ser trabalhado nas aulas, os professores não o fazem. Com as mesmas desculpas; pela falta de conhecimento, por não ser especialista, etc. Para o autor isso é incoerente pois os esportes com bola não são deixados de ensinar e mesmo que o professor não tenha sido um atleta.

É apontado que os professores preferem sempre as atividades as quais ele consegue realizar os gestos; sendo assim, um bom professor de Educação Física, que consegue lecionar com qualidade todos os conteúdos do componente curricular, deve ser um superatleta. Conhecedor de todas as modalidades esportivas, atividades rítmicas, ginasta, mestre em dezenas de artes marciais e o rei dos jogos. Cenário impossível de acontecer, pois seriam necessárias vidas para se conseguir algo similar.

Fica claro que com esse pensamento, os professores vão no sentido contrário ao dos objetivos da Educação Física. O autor também esclarece que mesmo tendo nos documentos que insiram as lutas no âmbito escolar, esses não versam do quanto se deve ensinar, não existe ponto de partida, nem meta para se

alcançar, o que dificulta para os professores reconhecer os objetivos previstos para que o ensino seja realizado.

Para So (2014) os professores encontram-se perdidos, pois de um lado eles não dominam o conteúdo lutas e por outro os estados estão criando currículos oficiais Educação Física, com as lutas incluídas como conteúdo a ser ensinado.

Após apontar a o mundo que envolve o ensino do conteúdo lutas na Educação Física escolar, englobando seus problemas e quais objetivos buscar, o autor traz uma discussão de qual o papel do professor na escola e da existência de confronto entre o professor educador e o professor cientista. Os produtores de conhecimentos científicos parecem não estudar a fundo as relações que ocorrem dentro das aulas, sempre trazendo de maneira genérica, em suas produções, as orientações desenvolvidas para a prática real. Enxergando sempre de cima, dando ênfase mais a produzir teorias, não diferenciando os conhecimentos buscados entre professores universitários e os escolares.

A estes últimos resta apenas serem executores das teorias criadas pelos pesquisadores, quando deviam possuir papel importante no desenvolvimento de novas pesquisas, pois são esses educadores que tratam diretamente com o público ao qual os professores universitários criam teorias.

A discussão trazida por So (2014), que coloca o Currículo da Educação Física do estado de São Paulo em evidência, deve ser levada a todos os estados que apresentam documentos semelhantes, incentivando que os professores não apenas aceitem e sigam o currículo em vigor como uma “receita de bolo”, mas que o confrontem; visto que são eles que aplicam o que está no papel, portanto é algo que pode e deve

ser experimentado, questionado, problematizado, comprovado, interpretado, adaptado, formulado, (re)criado em confronto e compatibilização com os contextos, valores e saberes dos professores e do contexto escolar, bem como seus conhecimentos específicos e pedagógicos do conteúdo, seu saber experiencial, cultural, etc. e não simplesmente descartado (negação) ou meramente aplicado (racionalidade técnica). So (2014, p.29)

Outro problema apresentado é o trato com o aluno, não o enxergando como receptáculo vazio a ser preenchido, mas participante do processo de aprendizagem, reconhecendo que ele não é apenas o objeto a ser moldado pelo professor, mas que juntamente com o ele realiza o processo de aprendizagem. Tornando-se não o arquivador de conteúdo, porém um apropriador.

Depois de trazer a visão ideal de como professores e alunos devem ser. O autor versa sobre o conteúdo lutas e de como as artes marciais são mais antigas que a própria Educação Física, que nenhum povo pode se denominar criador das lutas, mas apenas de uma modalidade. Ao citar o surgimento da Capoeira no Brasil e o Karatê no Japão. Aponta diferença entre as lutas ocidentais e orientais, com as primeiras tendo um caráter mais esportivo e as segundas mais filosóficas. Em ambos os casos são passíveis de mudanças em sua história, na maioria dos casos quando se coloca a luta a como objetivo e não parte do processo. Isso faz com que o aprendizado e o conteúdo trabalhado seja resignificado.

A investigação realizada pelo autor e representada em sua dissertação de mestrado, foi realizada em uma escola em Bauru-SP, numa turma de 7º ano, cujo os alunos ainda não tiveram contato com o ensino das lutas nas aulas de Educação Física, outro critério usado pelo investigador foi que se o professor segue o Currículo da Educação Física disponibilizado pelo estado e se o professor não possuía experiência como participante/atleta em nenhuma modalidade de luta. Os resultados da investigação foram classificados em dez momentos, chamados de “rounds” por So. Esses “rounds” foram dispostos em ordem cronológica, da familiarização ao ambiente por parte do pesquisador, mas também dos alunos para com ele, passando por momentos de avaliação da professora com o currículo, as aulas ministradas sobre o conteúdo Judô, até o momento onde os alunos, dialogam sobre o que é luta.

Esse diálogo realizado pelos alunos, ocorreu em dois momentos, primeiro antes das aulas sobre o Judô e após as aulas ministradas pela professora. Os estudantes resignificaram suas ideias primárias sobre o assunto, onde aconteceram relatos de que as lutas eram violentas e agressivas, que apenas servira como defesa pessoal. Após as aulas de judô, ao serem questionados novamente, os relatos foram mais positivos, eles enxergaram as lutas como conteúdo a ser trabalhado na escola, que não havia violência, que os mitos

construídos na sociedade e absorvidos por eles não condiziam com o que era trabalhado nas aulas.

Ao fim do estudo, o autor nos mostra que as lutas como conteúdo da Educação Física foi aceita entre os alunos, com ressalvas. Mostrando que os problemas apresentados pelos alunos possui um caráter devido mais a falta de conhecimento sobre o assunto do que o não querer deles. Quando trabalhado adequadamente, com um currículo definido, com objetivos claros e metas a se buscar, as lutas podem ter uma contribuição muito importante na formação dos alunos.

Nesta direção, Lançanova (2007) ressalta a importância da postura docente ao trabalhar o conteúdo lutas:

O professor deve sempre estar atento ao comportamento dos alunos, estimulando o respeito ao próximo e contendo a agressividade excessiva. O autocontrole do aluno é posto em prova quando o cansaço natural imposto pelas lutas torna insuficiente a oxigenação cerebral, pode provocar uma liberação de atitudes impensadas, reduzindo o discernimento para a percepção, análise e ação, ultrapassando os limites de comportamento, conseguidos através da educação (2007, p.54).

O praticante é ensinado que mesmo nas situações mais adversas o respeito ao outro está de qualquer vitória ou derrota, seja ele o companheiro de treino, adversário na luta ou seu próximo na sociedade.

Por isso o judô e as demais artes marciais devem ser lecionados de maneira correta por parte dos professores nas escolas (e nas academias), em virtude de que essas modalidades existem para fazer o mundo e as pessoas melhores; elas sobrepõem os outros ramos da Educação Física, quando comparamos os seus objetivos natos de prática, que podem em muitas vezes serem confundidos e tratados apenas como uma atividade onde se movimenta e se ganha, os objetivos buscados pelo judô estão além da sua prática física.

O modo de viver que está em moda nos dias atuais, é incentivado há mais de um século no judô, a preocupação com o mundo, meio ambiente, tudo e todos que se encontram ao nosso redor é o cerne do praticante, o judoca de verdade sempre

estará acima de alguém que se dedica apenas a ser um atleta, que tem seu foco na competição.

Assim vemos que o judô está em perfeita consonância com a Educação Física escolar, uma vez que seu objetivo está além da luta, da competição, do subjugar o oponente, mas nos valores que formam o cidadão.

Sobre esses valores os Parâmetros Curriculares de Pernambuco

torna-se possível a construção de uma identidade social e cultural dos discentes e fomenta-se o respeito às diferenças, estimula-se o pensamento crítico e também o desenvolvimento de habilidades motoras para que eles compreendam o sentido/significado implícito em cada uma de suas ações.[...] Dessa forma, o desenvolvimento da prática será vivenciado e valorizado em função do contexto em que ocorre e também das intenções dos praticantes, considerando aqui os valores éticos, sem os quais qualquer prática da cultura corporal se tornaria simplesmente uma técnica sem valor social. (Pernambuco, p. 46)

De acordo com os Parâmetros Curriculares de Pernambuco – PCPE - (2013) e as Orientações Teórico Metodológicas de Pernambuco (2010), devemos entender as lutas como combate corpo a corpo entre duas pessoas, com o objetivo uma subjugar a outra, utilizando de estratégias e técnicas. Conceituando como

Sendo uma forma de expressão corporal, que representa vários aspectos da vida dos seres humanos, a luta precisa ser compreendida desde a busca pela sobrevivência, no que se refere a sua história, passando pelas esferas sociais, afetivas, religiosas, políticas, econômicas, até uma forma de linguagem transmitida ao ser humano, ao longo dos tempos. (PERNAMBUCO, 2013)

Vemos assim que o conceito de luta no PCPE, é bem maior do que a simples ideia de combate. Um conteúdo pertencente a cultura mundial, que deve ser estudado e compreendido em vários aspectos da vida humana. A luta apenas como combate é inerente a história humana e a sua própria biologia.

O PCPE diferencia o conteúdo lutas das artes marciais, pois a segunda remete a necessariamente a contextos de guerra. É interessante essa contextualização, mas é preciso refletir que esse termo “artes marciais” é usado nos

dias de hoje para qualquer modalidade de luta, sendo mais um nome que faz referência a algo do que de fato uma aplicação. De acordo com o trabalho de Gonçalves e Da Silva (2013), um debate sobre qual é o que deve ser aplicado no âmbito acadêmico é válido se for usado a fim de aumentar a produção científica através de visões diferentes.

Os parâmetros relatam a importância do resgate da cultura brasileira e que nas aulas seja priorizado esse resgate, mas que também sejam ensinados conteúdos de outras culturas com a intenção de ampliar a gama de conhecimento, para ele a capoeira tem uma papel primordial nas aulas de Educação Física, devido ao seu contexto histórico e sua origem nacional.

Sobre a relação das lutas com esses valores buscados em seu ensino e as contribuições que elas oferecem às aulas de Educação Física escolar, Cordeiro e Pires(In: Souza Júnior, 2005) nos explica o quão é fundamental abordar e estudar esse ramo da cultura corporal que é extremamente rico e o porquê a ministração de seus conteúdos não deve ser negligenciada pelas escolas.

a compreensão da realidade relacionada ao campo das lutas, deve estar presente na formação das nossas crianças e adolescentes em sua educação básica, como conhecimento tratado pela educação física, pois, a partir desses referenciais, a escola poderá proporcionar aos alunos uma leitura crítica de atividades como o vale tudo e outras diferentes competições, que desrespeitam princípios filosóficos sobre os quais estão apoiadas as práticas corporais agonísticas que culturalmente se diferenciam. Negar esse conhecimento é excluir aspectos fundamentais dos agrupamentos humanos e suas culturas, é negar a especificidade das práticas corporais construídas no íterim do processo de formação das sociedades (p. 214).

Ao tomarmos conhecimento da história, filosofia, dos ideais e dos objetivos pensados por Kano para o judô, ratificamos que é uma arte que não deve ser negada aos discentes, pois tem seu cerne em concordância com a Educação Física, não podendo ser tratada como diferente, mas sim trabalhada de maneira correta. Os docentes devem buscar conhecer o judô para além do gesto técnico e as instituições formadoras de professores buscarem, formar profissionais que compreendam o dimensionamento não só do judô, mas das lutas ou artes marciais.

Costa (2014) realiza uma revisão de literatura a fim de justificar e se apoiar nas legislações vigentes que afirmam as lutas e as artes marciais como conteúdo essencial nas aulas de Educação Física, assim como: os esportes, as danças, os jogos e a ginástica. Essas cinco áreas (incluindo as lutas) estão nos documentos legais que regem a educação escolar do país, apresentando papel importante nos aspectos de formação de um cidadão, trabalhando questões motoras, cognitivas e sociais. Mesmo com um documento que legisle a favor das lutas como conteúdo a ser trabalhado nas escolas do país, os estados brasileiros possuem diferenças no trato do mesmo. Alguns corroboram com o Parâmetro Curricular Nacional e caminham em direção a ele, já em alguns estados não é nem citado informações sobre essa área.

A partir de outros artigos, um resultado apresentado por Costa (2014), é que há uma grande dificuldade em encontrar professores que inserem as lutas em suas aulas. Algumas justificativas são identificadas, mas não aceitas. Os professores relatam que esse conteúdo deveria ser trabalhado por especialistas, pois a formação acadêmica precária não lhes concedeu informações necessárias para o ensino dessas modalidades. Ainda que seja verdade, não é uma base forte para que não sejam lecionadas nas salas de aula, apenas mostra o não entendimento dos profissionais em relação sobre o que é a Educação Física Escolar e quais os seus objetivos. Outros motivos encontrados são: a ausência de locais apropriados, falta de materiais, negligência por parte do Estado – ao não oferecer oportunidades de formação continuada – e a falta de diálogo da escola com os pais dos alunos, com intenção de explicar os benefícios do ensino das artes marciais.

Talvez o maior medo dos professores seja o mito de que as lutas aumentam a agressividade dos alunos e podem ser uma fonte geradora de violência. Apesar de ser um reflexo do senso comum, o autor relembra que as filosofias inseridas nas artes marciais pregam justamente oposto, a não violência. Ao trabalhar as lutas nas aulas de Educação Física, utilizando-se dos objetivos básicos da mesma, busca-se construir um ser humano com caráter, ético e moral, preocupado com o próximo.

Pacheco (2012) mostra que as artes marciais e as lutas são sinônimos; e que as características que são dadas a esse conteúdo estão equivocadas com a sua própria origem

Atualmente, o termo arte marcial é sinônimo de luta, defesa pessoal e até agressão, porém, no início dos tempos para as artes marciais, não era bem assim que se definia essa prática. As artes marciais eram utilizadas pelos monges, primeiramente, para manter o corpo saudável e a mente sã. A sua utilização para a defesa pessoal era somente usada quando não se tinha outra opção. Hoje não é isso que se vê, pelo menos na mídia que mostra jovens lutadores praticando atos de violência, sendo que estes deveriam ser exemplos de boa conduta. (Pacheco, 2012, p.4)

É preciso que o ensino correto desse conteúdo seja realizado para que essa visão distorcida sobre o que é luta e arte marcial deixe de existir. Para Pacheco (2012)

A autoridade do professor e a arte marcial propriamente dita não são relacionadas à manifestação de comportamento agressivo em seus praticantes. A agressividade estaria relacionada à importância que os professores de lutas dão a competição exacerbada [...] As artes marciais nestes espaços, na verdade, são lutas de caráter competitivo, que enaltecem o valor das vitórias, denegrindo os valores morais da filosofia marcial.[...] as artes marciais modernas, que na verdade são lutas de caráter competitivo, possuem um potencial de aumentar o comportamento agressivo em adolescentes e, ao mesmo tempo, desenvolver traços negativos da personalidade, principalmente àqueles com certa tendência à delinquência. De acordo com Mesquita (s/d), as lutas ministradas em instituições de ensino deverão atender aos aspectos formativos e educativos prioritariamente. (Pacheco, 2012, p.11)

O autor também sugere uma revisão nos currículos das instituições de Ensino Superior, que direcionem a formação para uma abordagem mais pedagógica do conteúdo Lutas, pois para ele esses locais dão muita ênfase ao gesto técnico, voltando sua atenção para biomecânica dos movimentos das modalidades; ao fazer isso, são ignoradas a filosofia e a pedagogicidade das artes marciais. É relatado que essa preocupação técnica deve ser deixada para o próprio componente curricular de biomecânica, já existentes nos cursos, direcionando a preocupação para as possibilidades que são oferecidas com o ensino do conteúdo lutas.

Ao fim da discussão o autor nos fala que é necessário que sejam revistos pontos de vistas e que certas discussões sejam esclarecidas, pois parecem acertadas as dificuldades apresentadas pelos professores. Para Costa (2014), as lutas devem ser lecionadas nas escolas pois é uma manifestação da cultura do movimento, com isso não se faz necessário que o professor seja um especialista ou atleta de alto rendimento, já que o objetivo da Educação Física Escolar não é formar atletas, mas sim cidadãos e que esses tenham uma grande fruição dos conteúdos pertencentes a ela.

Em sua dissertação Oliveira (2016) trata de se as Artes Marciais são conteúdo da Educação Física e se o professor precisa conhecê-lo. No Brasil é regulamentado o ensino do conteúdo nas escolas, então uma reflexão é feita pelo autor, onde as instituições formadoras de professores de Educação Física necessitam preparar seus discentes em relação as lutas.

Ainda como os professores devem repensar o modo de ver as Artes Marciais, encerrando uma guerra entre teoria e prática (essa batalha se estende a própria Educação Física Escolar). Para Oliveira (2016) existem dois modelos de aulas quando o assunto são as lutas: o primeiro é o trato apenas da parte teórica, muitas vezes apenas a história de certa modalidade e nomes de golpes; o segundo o professor demonstra técnicas sem contextualização e os alunos as repetem. De qualquer modo o autor mostra que os dois métodos são insuficientes para justificar o ensino na Educação Física.

Oliveira (2016) fala do sem-lugar que as Artes Marciais são postas nas aulas de Educação Física, pois

A contrariedade se instaura sobre a relação institucional entre as práticas da Educação Física e as Artes Marciais[...]Quanto mais se insiste exclusivamente no ensino de técnicas, mais o modo profissional de proceder aparece deslocado e, por decorrência, as artes marciais seguem em um sem-lugar nas práticas da Educação Física na escola. Paralelamente, quanto menos se ensinam técnicas, mais as Artes Marciais aparecem apenas no circuito da teoria, menos se tratam de Artes Marciais concretamente e, por decorrência, as Artes Marciais seguem em um sem-lugar nas práticas da Educação Física na escola. (Oliveira, 2016, p. 77)

6. DISCUSSÃO

Das áreas da cultura corporal, em nossa visão, o conteúdo lutas é o mais prejudicado. Os benefícios que as artes marciais ou lutas carregam consigo, se ministrados nas aulas de Educação Física escolar, estão além das origens dos próprios alunos, não importando cor, raça, gênero, sexualidade, idade, classe social ou qualquer outra categoria de características do indivíduo. Por meio de revisões bibliográficas, com estudos envolvendo o ensino das lutas na escola, é notório que essa área tão negligenciada nas aulas de Educação Física, traz ensinamentos gigantescos, que talvez, outros campos não consigam abordar e expressar aos alunos da mesma maneira que as artes marciais.

Após todo o levantamento e análise dos trabalhos, compreendemos que o principal pretexto da negligência que ocorre nas aulas de Educação Física com relação às lutas, deve-se à falta de conhecimento de grande parte das pessoas sobre o mundo das artes marciais; aqui incluímos professores de Educação Física, praticantes e a sociedade com o seu senso comum. Uma consequência dessa falta de conhecimento é o direcionamento do ensino de muitas modalidades ao aspecto competitivo, colocando a vitória na competição acima da que se conquista sobre si mesmo. Jigoro Kano já alertava sobre esse acontecimento, o que não é algo exclusivo do judô; as artes marciais orientais possuem essa característica sobre o vencer e sobre quem se está vencendo, colocando a auto superação como meta. Isso fica bem claro nos seus ensinamentos: “Nunca te orgulhes de haver vencido a um adversário, ao que venceste hoje poderá derrotar-te amanhã. A única vitória que perdura é a que se conquista sobre a própria ignorância.” (Kano, Jigoro).

Esse pensamento deve ser a essência de qualquer prática humana, vencer a si próprio. Quando esse foco é colocado para com outrem, a vitória a qualquer custo e através de qualquer meio é mais factível de acontecer. Pensar nas lutas como ferramenta de subjugação de oponente é um erro, cometido por muitos praticantes ou não; nas modalidades japonesas e asiáticas em geral reconhecemos mais facilmente esse modo de pensar e de ser, os ensinamentos sempre voltados ao desenvolvimento humano e formação de um cidadão mais consciente com o mundo e as pessoas ao seu redor.

A grande questão é o esporte se sobrepujar a arte, para qualquer modalidade de luta; a arte se molda as regras da competição e por consequência disso a própria prática. A luta, como atividade de combate, não deve ser o fim ou o objetivo, mas o meio para se atingir o fim,

O judoca não se aperfeiçoa para lutar, luta para se aperfeiçoar. O judoca é o que possui inteligência para compreender aquilo que lhe ensinam e paciência para ensinar o que aprendeu aos seus companheiros. Saber cada dia um pouco mais, utilizando o saber para o bem, é o caminho do verdadeiro judoca. (Kano, Jigoro).

A partir dessas máximas do mestre Kano percebemos, de forma superficial, que as lutas se encontram em um patamar muito acima do que é enxergado pelas pessoas. A legitimidade do conteúdo lutas requer deixar de ser apenas obrigatória no papel e que passe a vigorar em todas as escolas, pois são conteúdos que estão além dos tatames, rodas e “rings”; não podemos omitir esse ramo da Educação Física aos nossos alunos que tem sede de conhecimento e necessitam de uma fruição ampla para um melhor desenvolvimento de si. Devemos ofertar a eles experiências transformadoras, muito mais quando essas atividades conservam uma capacidade enorme de modificar o mundo em volta dos indivíduos; como professores, temos a obrigação de auxiliar e guiar o melhor caminho para sua formação humana.

O conteúdo lutas é imenso, palpável e de fácil entendimento quando se trabalhado corretamente. No ensino das modalidades não há espaço para preconceito ou exclusão de alunos, a prática está ao alcance de qualquer um desde que bem orientado. Como tratamos nesse estudo, o judô foi criado para a formação humana, com seu fundador tendo direcionado seu esforços para a educação, entendendo que a Educação Física deve possuir grande valor dentro da escola, inclusive deve ser estendida ao ensino superior e praticada continuamente também fora do âmbito acadêmico.

Jigoro Kano não compreendia o corpo como algo dualístico, separado entre físico e mente, mas como um só; onde é necessária uma consonância entre os dois e que esses se desenvolvam juntos. Mesmo com muitas pessoas tratando o corpo e seus ramos como coisas segregadas, o judô e as artes marciais, sempre

enxergaram todos esses ramos como fundamentais e necessários a serem trabalhados para uma evolução humana de qualidade, atuando no desenvolvimento motor, mental, cognitivo, emocional e social. Pois o ser humano é composto por todas essas características e negar a promoção de uma ou outra, principalmente dentro das escolas, é empobrecer a educação e a sociedade.

Para que essa visão e o objetivo buscado pelas lutas sejam alcançados faz-se necessário uma reformulação da educação. Primeiro devemos compreender melhor o objetivo da Educação Física e a sua função na escola e no mundo. Segundo, é preciso que seja incentivado o interesse pelo ensino das lutas nas aulas de Educação Física. Considerando o exposto por Costa (2014), é fato que os professores em geral não se sentem aptos em ministrar o conteúdo lutas, por acreditarem que as lutas devem ser ensinadas por especialistas. No entanto, sabe-se que isso não é necessário, pois como tratamos anteriormente não é papel do professor de Educação Física formar atletas, mas sim cidadãos. Esse pensamento é apenas uma desculpa sem fundamentos, visto que ao analisarmos a história das artes marciais e suas filosofias, entendemos que há lugar na escola e nas aulas de Educação Física, pois sua preocupação em formar humanos é maior que a de formar atleta. O não entendimento dos professores sobre o que são as lutas, demonstra no mínimo uma falta de interesse por parte dos mesmos e consequentemente, talvez, uma precária formação.

Para o primeiro problema é necessário que sejam estimulados a buscarem adquirir mais conhecimentos, não se permitindo estagnar-se, procurarem entender e problematizar os conteúdos a serem trabalhados, já que as mesmas desculpas não são dadas quando o conteúdo são os esportes. Área esta que não deixa de ser ensinada nas escolas, ainda que a mesma não ofereça estrutura adequada para tal; ocorre adaptação da modalidade e o conteúdo é trabalhado com os alunos, mesmo que não de modo realista, mas mesmo assim é lecionado. Portanto essa alegação não pode ser validada, pois cabe ao professor também esforçar-se para que seu trabalho seja realizado com maior qualidade.

O segundo problema requer uma reformulação do currículo encontrado nas universidades e faculdades do país. Ao apresentarem componentes curriculares de lutas, há duas vertentes que podemos encontrar, uma tecnicista (há mais comum) e outra teórica (apenas). Não podemos nos limitar a uma coisa ou outra é necessário,

como já dito neste trabalho, que o conteúdo seja ensinado de forma integral, prática e teórica, pois Educação Física não é movimento por movimento, mas é educação. O aparato teórico tem significância para a contextualização das técnicas e a prática é o modo como nos apropriamos da teoria.

A partir deste ponto, as instituições e seus formuladores de currículos necessitam encontrar o equilíbrio, entre os dois lados. Pois é contraditório que na formação de professores não se ofereça uma vivência da prática das artes marciais e conseqüentemente depois de concluído sua formação que ele transmita algo para outros experimentarem que nem mesmo ele possuiu. Os cursos devem oferecer sim vivências aos seus formandos, mas não com o enfoque no gesto técnico ou na biomecânica, mas no sentido de priorizar as possibilidades de inclusão e quais as metas buscadas com a inserção das lutas e artes marciais nas aulas.

Uma possibilidade é o uso dos jogos de oposição, que segundo Souza Júnior e Santos (2010), têm as mesmas características dos esportes de combate existentes desde do surgimento das civilizações, ou seja, “tem como característica o ato de confrontação que acontece entre duplas, trios ou até mesmo em grupos. Seus objetivos são vencer o adversário, impor-se fisicamente ao outro, respeito às regras e acima de tudo assegurar a segurança do colega durante as atividades.” (Souza Júnior e Santos, 2010, p.2)

Os jogos de oposição são uma ferramenta muito interessante, pois aproximam os alunos ao conteúdo lutas, trazendo as características das modalidades, porém de forma mais lúdica. Os alunos aprendem elementos de ataque e defesa, como agarrar, desequilíbrio, imobilização, bloqueio, esquivas, além de desenvolver força e resistência. Além disso,

proporcionar a vivência da corporeidade e o autoconhecimento dos educandos, desmistificando assim o ensino de artes marciais na escola.
(Souza Júnior e Santos, 2010, p.3)

De acordo com os autores supracitados:

A escola deve ensinar e desenvolver em seus educandos valores, conhecimento aplicáveis para a construção de uma sociedade mais igualitária para os iguais, e proporcionar um equilíbrio motor e experiências

que possibilitem o desenvolvimento de habilidades motoras no aprendiz. É importante que o aluno tenha o livre arbítrio, caso escolha como esporte às lutas estará apto nos aspectos cognitivos e motores, cujos valores são inerentes a prática da atividade de combater. (Souza Júnior e Santos, 2010, p.3)

Embora os autores alertem para questões relevantes, discordo que o foco deva se dar apenas para o gesto técnico dos jogos de oposição, abandonando a parte mais importante, que são a filosofia e os princípios das lutas.

Outro argumento bastante utilizado pelos professores, alunos e seus pais é que as lutas estimulam e incentivam comportamentos agressivos e violentos ou mais precisamente a as lutas e artes marciais são sinônimos de violência. Contudo o discurso e a prática das modalidades pregam um caminho contrário ao que é disseminado pelo senso comum da ignorância. Ou seja, a não-violência é algo essencial no aprendizado das artes marciais, o praticante deve compreender que o ensinamento recebido não deve ser visto como ferramenta de poder, usado para subjugar os outros, através de uma espécie persuasão agressiva, mas justamente deve ser utilizado para combater atitudes que andam contra isso. As lutas podem canalizar a agressividade, diminuir a violência e desenvolver o autocontrole em quaisquer situações. Como exemplo podemos tomar as palavras do criador do Judô que não foi um atleta, nem um samurai (guerreiro), mas um educador. Ele mesmo colocava o próprio gesto técnico algo importante, porém secundário na prática de sua luta. “Em particular, o judô kodokan que criei nunca envolve práticas perigosas. Eu sempre digo que o que eu apóio está longe de ser um esporte violento ou perigoso” (Kano, 2008, p.21).

Como So (2014) no mostra em seu estudo, ao invés de usar o argumento da violência/agressividade, os professores devem problematizar essa questão, identificar as origens e os contextos, trazendo para a realidade dos alunos a real relação entre lutas ou artes marciais e comportamento violento. Não negando o trato do conhecimento aos estudantes, mas estimular o desejo interno de se sentirem desafiados a desvendar os problemas existentes em seu cotidiano e em sua relação com o outro; em busca de superar o conhecimento pré-determinado, fazendo-os

enxergar a realidade petrificada, imóvel e dominante proposta pela educação tradicional.

A formação humana e a contribuição que essa pessoa deve dar para a sociedade é o objetivo do judô e conseqüentemente da própria Educação Física, como Kano explica:

O valor real de uma pessoa é determinado com no quanto ela contribui para a sociedade durante a vida. E como essa mesma contribuição ajuda os que buscam se aprimorar e atingir a sua meta, o propósito do judô é ajudar a pessoa a se aperfeiçoar para que possa contribuir para a sociedade. Embora isso também se aplique às pessoas comuns, principalmente aquelas que praticam judô devem agir de uma maneira adequada aos propósitos do judô. Ao praticar o judô, você deve tentar se aperfeiçoar e contribuir para a sociedade por meio dessa prática e deve enfatizar a importância disso quando for ensinar outras pessoas. (Kano, 2008, p.78)

Com isso vemos que o ensino do judô pode e deve ser utilizado nas escolas e incluindo-o nas aulas de Educação Física; pois esse é o propósito da arte, formar cidadãos que tenham uma preocupação com o mundo ao seu redor, que estejam prontos para serem amorosos para com o próximo, que saibam utilizar do conhecimento que foi apropriado, sendo conscientes de seu papel no mundo, contribuindo para um mundo menos ignorante. Sem preconceitos, não existindo distinção por qualquer característica humana entre os praticantes, no judô a batalha que mais importa é a que se vence contra si.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho tem como finalidade justificar o uso do judô como uma ferramenta de ensino nas aulas de Educação Física. Desde sua criação em 1882, seu fundador deu ênfase ao potencial que sua arte podia dar a essa área, colocando sua arte acima das práticas existentes àquela época, recebendo reconhecimento em seu país pelas contribuições feitas a educação. Ao apresentar o judô como algo além da técnica e longe dos preconceitos criados pela sociedade ignorante, esse estudo vem ratificar a importância do ensino não apenas da modalidade em foco, mas do tema lutas em geral, utilizando o instrumento em discussão como exemplo da capacidade de ensino desse ramo da Educação Física.

Para tal é necessário que haja entendimento do que são as lutas, artes marciais e como elas se identificam e se encontram no conteúdo lutas dentro das aulas na escola. Sua importância no trato da cultura corporal e como são enxergadas como conteúdo a ser trabalhado nas escolas, sendo parte da cultura não apenas regional, mas também mundial. Ao discernir isso podemos entender o quão complexo é esse campo, não devendo ser negligenciado no ambiente escolar.

Através disso buscamos mostrar o judô pela visão de seu criador e como foi deturpada sua arte ao longo dos anos, por culpa de vários aspectos. Podemos incluir aqui a esportivização, falta de conhecimento, mídia, foco no enriquecimento próprio, estudos escassos voltados ao lado educacional da arte, entre muitos outros problemas. Apesar de tantos subterfúgios existentes e/ou usados, procuramos ampliar a visão do que é o ramo das lutas e apontar como é possível trabalhar esses conteúdos dentro do ambiente escolar, sendo parte da Educação Física.

Ao analisar estudos realizados anteriormente, encontramos que já existem profissionais que defendem o ensino das lutas, infelizmente esse número é muito baixo. Portanto temos o propósito de estimular que mais trabalhos sejam direcionados a essa área tão relevante da Educação Física. Para esse fim é que enxergamos a necessidade de confirmar, não apenas na lei ou na fala, o trato desse conteúdo na escola, mas sim na prática. Em nenhum momento percebemos as modalidades como formadoras de mestres marciais, mas como instrumentos que contribuem para uma formação integral e humana do indivíduo.

Quando as lutas começarem a ser trabalhadas de fato, talvez as escolas, as pessoas, nosso bairro, cidade e o planeta, reconheçam o valor que ela possui como formadora de seres humanos críticos, éticos, preocupados com o próximo e que estejam dispostos a transformar seus mundos, para melhorar o todo.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, et.al. *Ludicidade no Judô*. 2005. 6 páginas. Projeto de Pesquisa. Universidade Federal de Goiás. 2005.

CERVO, Amado L. et al. **Metodologia científica**. 6 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: editora Cortez, 1992.

COSTA, R. M. *Lutas e artes marciais nas aulas de educação física: uma revisão da literatura*. 2014. 19 páginas. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal de Santa Catarina. 2014.

FEREIRA, H. S. **As lutas na Educação Física escolar**. Revista de Educação Física, Fortaleza – CE, n.135, nov. 2006

Gil, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6º. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

KANO, J. **Energia mental e física**: escritos do fundador do judô. 2º edição. São Paulo. Editora Pensamento. 2010.

KANO, J. **Judô Kodokan**. 1º edição. São Paulo. Editora Cultrix. 2009.

MARCONI, M. A., LAKATOS, E.M. **Fundamentos Metodologia Científica**, 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MINAYO, M.C. de S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 22 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

Minayo, M.C.S. (2013). **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde 13ª Ed. São Paulo, SP: Editora Hucitec

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento**. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008

NASCIMENTO, P. R. B.; ALMEIDA, L. **A tematização das lutas na Educação Física Escolar: restrições e possibilidades**. Movimento, Porto Alegre, v. 13, n. 03, set/dez de 2007.

OLIVEIRA, Lazaro R. *Artes Marciais e Educação Física Escolar: por articulações concretas possíveis no ensino*. 2016. Mestrado em Educação Física. Universidade de São Paulo. 2016.

PACHECO, Renan L. *A influência da prática das artes marciais na redução da agressividade em adolescentes, nas aulas de educação física*. 2012. 11p. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. 2012.

PERNAMBUCO. Governo do Estado. Secretaria de Educação. **Orientações Teórico-metodológicas** – Educação Física – Ensino Fundamental e Ensino Médio. Recife: Secretaria de Educação-PE, 2013

PERNAMBUCO. Governo do Estado. Secretaria de Educação. **Parâmetros Curriculares de Pernambuco** – Educação Física – Ensino Fundamental e Ensino Médio. Recife: Secretaria de Educação-PE, 2013

PERNAMBUCO. Governo do Estado. Secretaria de Educação. **Parâmetros na Sala de Aula** – Educação Física – Ensino Fundamental e Ensino Médio. Recife: Secretaria de Educação-PE, 2010

RONDINELLI, Paula. "**Você sabe o que é esporte?**"; Brasil Escola. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/voce-sabe-que-esporte.htm>>. Acesso em 03 de junho de 2019.

RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. **O ensino das lutas nas aulas de Educação Física**: análise da prática pedagógica à luz de especialistas. Revista Educação Física /UEM, v. 26, n. 4, 2015

RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. **Pedagogia do esporte e das lutas: em busca de aproximações**. Rev. bras. Educ. Fís. Esporte, São Paulo, v.26, n.2, p.283-300, abr./jun. 2012

SANTOS, L. *Benefícios das artes marciais nas aulas de educação física infantil*. 2013.15 páginas. Artigo de revisão. Faculdade de Ciências da Educação e Saúde-FACES. 2013.

SO, M. R. *Das relações com os saberes das lutas nas aulas de Educação Física: As perspectivas dos alunos*. 2014. Mestrado em Educação. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. 2014.

SOUZA JUNIOR, T.P.; DOS SANTOS, S. L. C.. *Jogos de oposição: nova metodologia de ensino dos esportes de combate*. Lecturas Educación Física y Deportes (Buenos Aires), v. 14, p. 1-1, 2010.

WATSON, B.N. **Memórias de Jigoro Kano**: o início da história do judô. 1º edição. São Paulo. Editora Cultrix. 2011.